



# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 69  
2017

---

ENCONTRO  
LISBOA RIBEIRINHA MEDIEVAL E MODERNA  
— DADOS ARQUEOLÓGICOS

---



# O TEMPO RESGATADO AO MAR. MAIS DO QUE UMA EXPOSIÇÃO NO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

---

Adolfo Silveira

Museu Nacional de Arqueologia / Universidade Autónoma de Lisboa / Centro de História da Universidade de Lisboa /  
adolfosilveira@mnaarqueologia.dgpc.pt

## Resumo

“O Tempo Resgatado ao Mar” foi o título da exposição apresentada no Museu Nacional de Arqueologia, entre 20 de Março de 2014 e 6 de Setembro de 2016. Reuniu uma seleção de peças oriundas de ambientes marítimos, fluviais ou húmidos de todo o território nacional que cobrem simultaneamente um espetro cronológico, desde a época pré-romana ao século XX, mas com maior incidência na época moderna, resultado dos numerosos naufrágios referenciados e da investigação ter sido orientada para alguns deles. O objetivo principal do comissariado científico foi a apresentação de contextos arqueológicos ou a caracterização de locais na costa marítima portuguesa onde se registam repetidas e significativas recolhas de vestígios que indiciam a possível existência de contextos preservados ou demonstram a sua importância nas rotas da navegação.

**Palavras-chave:** Arqueologia náutica e subaquática, Naufrágios, Exposição.

## Abstract

“Time salvaged from the sea” was the title of the exhibition presented in the National Museum of Archaeology, between March 20 2014 and September 6 2016. It brought together a selection of pieces originating from maritime, fluvial or humid environments of all the national territory that simultaneously covers a chronological spectrum, since the Pre-Roman era to the 20<sup>th</sup> century, but with more incidences in the modern era, the result of numerous referencing shipwrecks and research that has been focused on several of them. The main objective of the scientific commissariat was the presentation of the archaeological contexts or the characteristics of places along the Portuguese maritime coast where they repeatedly registered themselves and significant collections of traces that indicate the possible existence of preserved contexts or that demonstrate their importance in navigational routes.

**Keywords:** Nautical archaeology, Shipwreck, Exhibition.

“O Tempo Resgatado ao Mar”, exposição que esteve patente no Museu Nacional de Arqueologia, entre março de 2014 e setembro de 2015, evocou os últimos 30 anos da história da arqueologia náutica e subaquática em Portugal, no âmbito do programa que celebrou o 120.º aniversário da fundação, em 1893, do Museu Nacional de Arqueologia.

O MNA concretizou assim uma das suas vertentes enquanto instituição vocacionada para o estudo e divulgação das coleções de arqueologia e também como precursora da arqueologia náutica e subaquática no nosso país, nas últimas décadas do século XX. A esta iniciativa, associou-se o Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS), também sob a tutela da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) e vários investigadores que durante este período, desenvolveram e dirigiram projetos em território nacional.

Esta exposição propôs uma visita através do tempo e a cada passo reconstituiu os contextos e os testemunhos que durante séculos o mar escondeu. Cápsulas do tempo que emergem e que recobram esta memória marítima de todos nós.

Trinta anos de efetiva intervenção arqueológica nas águas portuguesas, necessariamente sugerem a intervenção em numerosos locais e um consolidado percurso de investigação, mas ainda hoje e também nas próximas gerações se continuará a identificar fragmentos desconhecidos do território, acrescentando saber a esta íntima e secular ligação com o mar.

Perante a diversidade cronológica e tipológica das coleções, expusemos os conjuntos mais representativos e singulares de cada um dos períodos, mas também os que estudados já contribuíram para dar a conhecer um pouco mais da nossa história. Traçámos um percurso da época pré-romana ao período contemporâneo, proporcionando uma leitura que traduzisse não apenas a importância do objeto enquanto achado em meio aquático mas, sobretudo, que permitisse ao visitante contextualizar-se com a unidade arqueológica que representa o sítio em todas as suas vertentes e interdependência relacional de transmissão de conhecimento.

O testemunho do naufrágio é um todo que reflete um acidente, um infortúnio, mas que hoje e através dos seus despojos nos dita o quando, como e porquê. Cada unidade foi documentada com imagens para dar a conhecer como se processam as escavações e os trabalhos de salvaguarda. Desmistificou-se a ideia da recolha de objetos de proveniência submersa de forma arbitrária ou de *caça ao tesouro* e exemplificaram-se os métodos e os processos de intervenção arqueológica e a sua necessária aplicação por especialistas credenciados. O visitante tendo já assistido a trabalhos arqueológicos em terra teve a oportunidade de observar como se realizam no mar.

A visita iniciava-se pelo núcleo dedicado à Antiguidade, e ainda que hoje seja desconhecida uma estrutura que pudesse ser testemunho mais representativo de um navio de época, mostram-se indícios da sua passagem por toda a costa, sobretudo através de âncoras que transportavam diferentes produtos e cepos de âncora, entre outros e diversificados artefactos marítimos ou perdidos no mar.

A dinâmica portuária e os seus inúmeros vestígios, nomeadamente os identificados na beira mar de Lisboa, como exemplificam as intervenções ao longo da Avenida de 24 de Julho e até ao Cais do Sodré, designadamente no Largo do Corpo Santo, Boavista, Praça de D. Luís I, trazem-nos novos documentos sobre a cidade anterior ao terramoto de 1755. Também as escavações arqueológicas na extensa ria de Aveiro proporcionam o testemunho dos tempos medievais e modernos. Dedicou-se particular atenção ao estudo de vestígios em contexto portuário e de três sítios de naufrágio, que traduzem a atividade comercial marítima da região de Aveiro, bem como o comércio e a navegação no litoral português.

Os navios da baía de Angra do Heroísmo nos Açores, naufragados em fundeadouro, local de escala de rotas oceânicas, com cerca de uma dezena de incidências conhecidas desde o século XVI, continuam a ser estudados, com alguns a revelar particular interesse para o conhecimento da construção naval ibérica.

São Julião da Barra, junto a Lisboa, é um local bem conhecido de ocorrência de acidentes, justificados pelas condições naturais e geoestratégicas da barra do Tejo, tornando-se por isso num complexo sítio arqueológico submerso de grande diversidade cultural. Com indicadores cronológicos desde o início do século XVI até aos dias de hoje e com a frequência de distúrbios provocados pelas correntes, ventos e pequena profundidade é dos locais de mais difícil interpretação pela dinâmica de movimentação dos depósitos. Contudo, foi aqui identificado um navio proveniente do Oriente, a presumível *Nossa Senhora dos Mártires*, naufragado em 1606, cujo espólio serviu de tema à exposição do Pavilhão de Portugal durante a Expo'98, parte de um projeto mais vasto sobre a Carreira da Índia. Foram identificados milhares de artefactos de origem cultural diversa e uma pequena parte do casco que tem sido objeto de estudo aprofundado e reconstituição. Também aqui foram recuperados três astrolábios que incorporam o núcleo de objetos de navegação que se apresenta na exposição e no catálogo.

Para os finais do século XVII conhecem-se como mais representativos: os vestígios de um presumível navio inglês, naufragado na costa do Algarve, que trazia a bordo um extenso número de pratos de estanho com origem na Cornualha; o núcleo de canhões da Ponta do Altar, ilustrado por uma colubrina; os vários artefactos da praia do Baleal em Peniche e o espólio identificado no acidentado cabo Raso, em Cascais.

No princípio da década de 1980 realizou-se a primeira escavação em meio aquático efetuada em Portugal. Incidiu sobre parte dos despojos do navio francês *L' Ocean*, junto à praia da Salema, no Algarve. Associando a informação textual aos vestígios materiais, localizou-se assim um dos episódios da história marítima militar do século XVIII no contexto da Guerra dos Sete Anos.

Implicações económicas no Ocidente europeu e infortúnio de centenas de tripulantes e passageiros resultaram da perda do navio espanhol *San Pedro de Alcantara*, quando naufragou na Papoa, em Peniche. Exemplo do exercício de interpretação integra-

da arqueológica e histórica, a escavação e pesquisa documental traçaram os caminhos de uma complexa investigação que clarificou o processo conjuntural que teve implicações na Europa e em particular alterou o percurso regional.

Por fim chegamos ao Contemporâneo com o testemunho de um navio afundado durante a II Guerra Mundial.

Traçamos assim num só tempo vários tempos e resgatámos conhecimento fundamentado sobre a investigação de várias equipas em arqueologia náutica e subaquática. Passámos a conhecer mais sobre nós, também sobre quem por aqui passou e revelamos um pouco mais da nossa história. Reunidas pela DGPC as condições favoráveis para a concretização da exposição, congregou-se uma equipa de especialistas que deram corpo à primeira parte desta obra, atualizando os conhecimentos e divulgando a disciplina, carreando-se este esforço para uma edição que se pretende também como uma referência para o ensino e investigação. Foram desenvolvidas matérias que contemplam exaustivamente todos os períodos e temas representados na ordem da exposição em abordagem científica, concomitante com uma expressão simples e de fácil acesso para o público que nos visita.

No catálogo mostra-se o acervo patente na exposição, organizado cronologicamente por sítio arqueológico, antecedido de um breve apontamento que identifica e caracteriza o local de achado, mas também um número considerável de artigos de referência que presumimos de grande utilidade pedagógica e científica.

No decurso da exposição decorreram de várias iniciativas, nomeadamente de natureza didática, dirigidas aos mais jovens, como a edição de um roteiro infantil e juvenil e a realização de ateliês, conferências por especialistas nacionais e internacionais, jornadas científicas, visitas externas programadas e outras atividades relacionadas com a intervenção, divulgação, salvaguarda e proteção de sítios arqueológicos subaquáticos e no litoral.

O esforço na concretização desta exposição, a primeira que apresentou de forma global a arque-

ologia náutica e subaquática em Portugal, passou também por diferentes parcerias que empenhadamente colaboraram colmatando necessidades de natureza técnica e logística. O Museu Nacional de Arqueologia Subaquática de Cartagena, Espanha, prontificou-se a finalizar o tratamento por liofilização de duas canoas monóxilas e outros artefactos em madeira. A Câmara Municipal de Cascais e a Empresa Abreu Cargo efetuaram os transportes entre Portugal e Espanha. O El Corte Inglés e a Fundación Ramón Areces patrocinaram a primeira revisão dos textos editados e a Imprensa Nacional – Casa da Moeda a revisão final, a publicação do catálogo, da brochura de divulgação e do roteiro infanto-juvenil.

Contámos ainda com a disponibilidade dos autores e tradutores referenciados no catálogo. Contudo foi ainda o empenho das equipas da DGPC que tornaram possível este projeto, através de uma íntima colaboração institucional entre o Museu Nacional de Arqueologia, o Departamento de Bens Culturais, o CNANS, a Divisão Laboratório José de Figueiredo, o Arquivo de Documentação Fotográfica e outras unidades orgânicas da DGPC.

A exposição esteve ainda patente no Museu da Pedra, em Cantanhede entre novembro de 2015 e maio de 2016 e no Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo entre julho e dezembro de 2016. Recebeu ao todo cerca de 140.000 visitantes. Hoje pode ainda ser recordada através do sítio Internet do Museu Nacional de Arqueologia.



Figuras 1 a 8 – Percurso da exposição no Museu Nacional de Arqueologia, galeria poente. Fotografias de José Paulo Ruas e Luísa Oliveira (DGPC/DDCI).



Figura 9 – A exposição no Museu da Pedra do Município de Cantanhede.



Figura 10 – A exposição no Museu de Artes Decorativas do Município de Viana do Castelo. Fotografias de Flávio Cruz.





ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863–2019

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)